

Valerio Arcary

AS ESQUINAS PERIGOSAS DA HISTÓRIA:

**Um estudo sobre a história dos conceitos de época,
situação e crise revolucionária no debate marxista**

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, na área de concentração de História Social, junto à linha de pesquisa das representações políticas para a obtenção do título de doutor em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zilda Márcia Gricoli Iokoi

São Paulo 2000

Dizem que foi mais ou menos assim: ele era ainda um menino e não podia ter mais do que nove anos. O pai era ausente, como a maioria dos pais daquela geração, sempre ocupadíssimos, entre trabalhos e afazeres. Mas naquela manhã, um daqueles dias luminosos que o Rio tem, tinham saído juntos, talvez para tomar um picolé. Quando voltavam para o apartamento, felizes da vida, o pai bem humorado, e o filho encantado com o sorvete, viram aquela cena insólita. Dois guris estavam engalinhados em uma luta feroz. Um deles era um garoto que o pai já tinha visto brincando com o filho, e o outro, um rapaz mais velho e imensamente maior. O menino estava apanhando para chuchu. Brigavam por causa de umas bolas de gude que o grandalhão queria tirar do moleque. O filho queria ir para casa mas o pai segurava a sua mão com força. E então, à queima roupa, o pai disparou a fatídica pergunta: você não vai fazer nada? Foi ali que o menino foi colocado pela primeira vez diante de um dilema moral. Porque a escolha era entre o ruim e o muito ruim. Ou o garoto não reagia, prostrado pelo medo, e seria julgado pelo pai como um covarde, ou intercedia a favor de seu amigo, e, provavelmente, apanhava uma surra.

Foi assim que ele aprendeu a primeira lição ética de sua vida. daquelas que não se esquece. Em uma luta entre desiguais, a indiferença é sempre a cumplicidade com o mais forte.

In Memoriam

Aldo Emmanuel Arcary, meu pai, que me ensinou que não é simples a diferença entre o certo e o errado, mas isso não nos absolve de nada.

Essa é daquelas, tão incrível, que não importa se verdadeira ou não, porque expressa o espírito da época. Parece que a reunião do movimento estudantil tinha chegado, depois de horas de discussões insolúveis, e das questões de ordem de praxe, as mais exdrúxulas, a um impasse. Os membros das tendências mais à esquerda, as correntes revolucionárias, os radicais ou exaltados, como queiramos, tinham, esgotado os seus argumentos. E sabiam que iam, quase certo, perder a votação. Já estavam resignados. Eram, naqueles tempos, uma pequena minoria, e se, de vez em quando, conseguiam algum eco para suas propostas era somente em situações excepcionais, porque a pressão pela mobilização tinha subido de temperatura a tal ponto, que os reformistas, ou moderados, não importa, não podiam deixar de procurar uma solução, com o receio de perder a sua liderança. Ninguém se lembra ao certo se o que se discutia era fazer ou não uma passeata, ou pior, se se tratava de algo mais trivial, como o local de concentração. Mas, não restam dúvidas que uns e outros se atacavam implacável e impiedosamente. E sem qualquer cuidado de poupar as palavras: de “provocação” a “traição”, tinham se insultado, sem pudores, durante horas.

Foi então, que em nome dos “esquerdistas”, ele pediu a palavra: “Muito bem, acho que finalmente entendi o porquê de nossas diferenças. E me vejo obrigado a retirar todas as críticas que acabei de fazer: faço a autocrítica. Vocês têm razão, não entendo como não percebi antes. Damos um passo em frente, e depois dois passos atrás. Em seguida damos de novo um passo em frente, e para surpresa de nossos inimigos, damos cinco passos atrás. E continuamos assim, dez passos atrás, cinquenta passos atrás. Eles vão se iludir pensando que estamos mais fracos, e por isso, recuamos ou batemos em retirada. Pode até parecer uma fuga... Mas não importa, como o mundo é redondo, um dia desses, a gente surpreende o salazarismo pelas costas.”

In Memoriam,

Fernando Torres, o Guga, filho do 25 de Abril, que me ensinou que todo mundo deveria ter direito a quinze minutos de auto-compaixão por dia, desde que dedicasse, ao menos, o dobro do tempo para rir de si mesmo.

Não é incomum que os historiadores estejam colocados diante da necessidade de usar conceitos de temporalidade, tais como época, etapa, situação, fase ou conjuntura: são critérios de periodização, para situar os movimentos de mudança, ou preservação, dos mais diferentes aspectos da vida econômica, social ou política das sociedades que estudam. Mas, é também freqüente que o uso dessas categorias seja, inúmeras vezes, pouco rigorosa, senão descuidado. Os mais perigosos anacronismos, um pecado mortal neste ofício são, então, possíveis. O argumento desta pesquisa busca demonstrar a importância decisiva destas noções de temporalidade, para realçar que as medidas dos tempos são, necessariamente, desiguais e diversas.

O marxismo sugeriu uma série de critérios de periodização que estabelecem um elo entre os tempos longos das mudanças históricas, na escala das épocas que se sucedem, e os tempos mais curtos das etapas e situações, até o tempo acelerado das conjunturas. Mas, como se sabe, o marxismo se desenvolveu como uma corrente de pensamento plural e heterogênea. Este trabalho procurou resgatar uma parte do debate sobre as temporalidades, à luz da teoria da revolução política e social, elaborada por Marx Engels, e alguns dos seus discípulos. Nele se discute o que seriam épocas, etapas, situações e crises revolucionárias, e se avançam um conjunto de sugestões para uma periodização histórico-política do século que se encerra.

Abstract

Historians not uncommonly have to face up with the need of using concepts of temporality such as epoch, stage, situation, phase and juncture as criteria for periodization. These concepts are used to situate the movements of change and preservation of the most diverse aspects of the economic, social or political life of the societies they study. Nevertheless, the use of these categories is not quite rigorous. On the contrary, it is rather untidy. The most dangerous anachronisms – a deadly sin in this craft – are therefore possible. The reasoning of this research tries to demonstrate the paramount importance of these notions of temporality in order to highlight that the measures of times are necessarily uneven and diverse.

Marxism has suggested a series of criteria of periodization which establish a link between the long time of historical changes – at the scale of epochs which take place recurrently – and the shorter times of stages and situations, ending in the accelerated time of junctures. Marxism – as it is widely known – has developed itself as a plural and heterogeneous tendency of thought. The current research aimed to rescue a portion of the debate about the temporalities, in the light of the theory of political and social revolution elaborated by Marx and Engels and their disciples. We tried to discuss in our theses what would be the meaning of revolutionary epochs, stages, situations and crises. We have also issued a set of suggestions for the making of a historical and political periodization of the current ending century.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	06
Introdução	07

Título: “As esquinas perigosas da História”	43
1. A idéia da crise e a crise das idéias	43
1.1. Os valores da ordem e a ordem dos valores: os desencontros entre as periodizações históricas e econômicas e a alternância das temporalidades.....	59
1.2. A vanguarda da crise e a crise da vanguarda: um novo debate sobre época reabre-se cem anos depois	91
1.3. Do sujeito da crise à crise do sujeito: a ausência do proletariado e a originalidade da transição pós-capitalista como revolução consciente	132
2. Da história da teoria à teoria da história	174
2.1. O conceito de época revolucionária em Marx: as forças motrizes do processo histórico e um debate sobre a primazia.....	175
2.2. Anotações sobre a teoria da crise em Marx e Engels: as causalidades objetivas e subjetivas, e a dialética da necessidade e acaso.....	226
2.3. Do conceito de revolução permanente na “Carta à liga dos comunistas” de 1850 ao balanço de Engels no “Testamento” de 1895: a hipótese das duas vagas.....	252
3. A época do debate e o debate sobre época.....	292
3.1. Há cem anos, Bernstein abre o debate sobre época, da defesa da democracia à estrategização da tática: a teoria dos campos progressivos.....	292
3.2. Kautsky e a estratégia de defesa da democracia, o quietismo dos tempos de espera defensiva.....	330
3.3. Rosa Luxemburgo e o lugar da mobilização revolucionária: uma nova visão da dialética dos tempos da ação, consciência e organização.....	382
4. Fevereiro e outubro como analogia histórica e o paradoxo do século.....	454
4.1. Muitos fevereiro e a excepcionalidade de outubro.....	457
4.2. Os tempos da revolução e as revoluções no tempo.....	484
4.3. As vagas revolucionárias e a hipótese da inversão das causalidades.....	515
5.	
Bibliografia.....	579
5.1. Fontes.....	579
5.2. Bibliografia sobre o tema.....	583
5.3. Bibliografia geral.....	587

Agradecimentos

Todo trabalho tem uma história. A realização desta pesquisa só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. É praticamente impossível citar todas essas influências teóricas e inspirações políticas, recolhidas durante muitos anos, mas ao longo do texto, serão encontradas as indicações. Não posso, no entanto, deixar de dizer que este trabalho é o produto de um ambiente e de um tempo. E sobretudo de muita gente, de ações e frustrações, de uma luta que foi minha, mas também de muitos outros, músculos e nervos engajados em um combate de inconformados que sempre se renova e recomeça, na capacidade de crítica que não há de se perder. Essas e esses, muitos, uma gente que não teme a aventura de descobrir sempre uma nova esperança, dispensarão os agradecimentos, porque já sabem.

Mas é preciso ser justo. E lembrar das inúmeras idéias que nasceram em discussões com a Prof^a.Dr^a. Zilda Gricoli Yokoi, que acreditou na necessidade desta tese, quando eu mesmo duvidei. Sem a sua confiança, este trabalho não existiria, e isso diz tudo. Mas não diz do afeto sincero que nos une. É preciso recordar, também, das horas que meus colegas de grupo de trabalho no departamento de História da USP sacrificaram para ajudar à definição do foco das hipóteses que orientaram a pesquisa.

Preciso ainda dizer da dívida intelectual com Nahuel Moreno, que me iniciou nos estudos marxistas. Porque com ele aprendi que nada de novo pode surgir da perda da memória. E, afinal, é preciso não esquecer que viemos de longe. Também merece ser lembrado que uma boa parte das idéias desenvolvidas nesta tese, se inspiraram em pistas que ele mesmo deixou. Sigo esse caminho. Não basta saber que é necessário mudar o mundo: é preciso acreditar que é possível. Oxalá não tenha sido em vão. Não será.

Não posso deixar de fazer referência a Martin Hernandez, Luis Leiria, Mauro Puerro, Eduardo Neto, Mariúcha Fontana, Zezoca Welmowick, Bernardo Cerdeira, Henrique Carneiro, José Cretton, Marco Rosa, Fernando Silva, Enio Bucchioni, Álvaro Bianchi, e Antonio Louçã com quem as idéias desta tese foram discutidas, ao longo de anos, e de quem recolhi sugestões valiosas.

Devo muito a Waldo Mermelstein, em especial, pela incansável paciência com as minhas incorrigíveis divagações: a prova de nossa amizade. É preciso também que se saiba, que esta tese só foi possível porque quis a roda da fortuna que eu tivesse ao meu lado na vida, como companheira, Suely Corvacho, que me fez encontrar forças que eu pensava ter perdido. E isso, só o amor. Quis também a sorte que a vida tenha me dado Zina Arcary como mãe e Sofia, como filha. Foi por elas, que o 25 de Abril, por duas vezes, definiu o sentido de minha vida. E é por elas que eu devo o que sou, e o porquê de uma luta que é de muitos e também é a minha, e que é do tamanho do mundo.

Como se costuma dizer, não são responsáveis por nada do que aqui vai escrito. Mas manda a verdade que se diga que são igualmente culpados por essa paixão que a razão conhece.

Por último, agradeço ao Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo, instituição à qual estou vinculado há dez anos, e que me agraciou com uma licença das aulas por seis meses para dedicar-me à redação final da tese.

Da violência.

*Dos rios se diz que são violentos
Mas ninguém diz,
Violentas,
As margens que os comprimem.*

Berthold Brecht

Introdução

Da História já se disse que flui como as águas dos rios. Mas o rio da História é dos mais tumultuosos, cheio de curvas imprevisíveis, de quedas d'água vertiginosas, rápidas correntezas, às quais se sucedem a calmaria das águas paradas. Que, entretanto, também se movem, lenta, mas irreversivelmente. Por isso, as águas paradas nos iludem. Às vezes se movem para os lados, quando transbordam. Não é, portanto, simples, o movimento das águas. O vento explica a forma das ondas, mas é a força gravitacional da lua, uma força incomparavelmente mais poderosa, porém oculta, que define o movimento das marés. As causas e impulsos que movem a história, não são menos misteriosos.

As forças que explicam os fluxos e refluxos da História, as inflexões inesperadas, as longas estagnações, as bruscas acelerações, e de novo, a terrível lentidão das mudanças que não vêm, até que se precipitam transformações vertiginosas, quase como uma surpresa, não se revelam com facilidade. A História também conhece os movimentos de superfície e as transformações nas camadas mais profundas. E toda transição tem a sua gestação e as suas dores de parto. Nesses tempos de passagem, que são os nossos, aceitamos um conceito para esses momentos excepcionais nos quais a velha ordem naufraga, e aquilo que será mal se vislumbra. Dizemos que são tempos de crise.

Mas não é incomum que as palavras percam o seu sentido. De tanto serem usadas, elas como que perdem a clareza de seus significados, a substância de sua forma, a razão de sua necessidade. *Crise*

está entre essas palavras que invadiu a vida de milhões de pessoas e, mesmo banalizada, conquistou um lugar na visão que o mundo possui de si mesmo, neste final de século.¹ E, no entanto, as palavras têm sentido. Do grego *krisis*,² ela derivou para o latim como *crisis*.³ O dicionário esclarece: “alteração, desequilíbrio repentino”, ou ainda “estado de dúvida e incerteza”, ou mesmo “tensão”. No chinês é, curiosamente, representada por dois ideogramas que na aparência se contradizem, mas unidos, se explicam mutuamente: perigo e oportunidade.

Na cultura política brasileira, depois de duas décadas perdidas, ela assume, hoje, uma forma coloquial quase banal. Para as duas últimas gerações, o Brasil está, de uma maneira ou de outra, sempre em crise: o que já é um paradoxo em si mesmo. A crise, por definição uma exceção, estabelecida como um tempo de normalidade.

As classes dominantes, mesmo depois de um suspiro de alívio, em meados dos anos 90, não conseguiram ainda, se é que já estiveram mais próximas de o conseguir, afirmar um projeto para o país, que oferecesse

¹Há cem anos, a passagem do século foi encarada com perspectivas muito diferentes. As classes dominantes, embriagadas de otimismo positivista, com o triunfo da razão técnica, viam a sua civilização como uma promessa de progresso e abundância, e o movimento operário, fortalecido pelos sucessos eleitorais dos anos 90, encarava com crescente confiança os destinos da luta socialista: “(...) regimes que não apenas sobreviviam como também prosperavam. **E, na verdade, se nos concentrássemos só nos países de capitalismo ‘desenvolvido’, tal idéia seria razoavelmente plausível. Economicamente, as sombras dos anos da Grande Depressão se dissipavam, dando lugar ao sol radioso da expansão e da prosperidade da década de 1900. Sistemas políticos que não sabiam muito bem como lidar com as agitações sociais da década de 1880 – com a súbita emergência dos partidos de massas das classes trabalhadoras voltados para a revolução ou com as mobilizações de massa de cidadãos contra o Estado em outras bases – aparentemente descobriram maneiras flexíveis de conter e integrar alguns e isolar outros. Os quinze anos entre 1899 e 1914 foram a belle époque não só por terem sido prósperos – e a vida era incrivelmente atraente para os que tinham dinheiro e dourada para os ricos – mas também porque os dirigentes da maioria dos países ocidentais, embora preocupados talvez com o futuro, não estavam com medo do presente. Suas sociedades e regimes pareciam, de maneira geral, administráveis.**”(grifo nosso) (HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p.384)

² Segundo Jorge Grespan, “crise” e “crítica” constituíam uma unidade na sua origem, no grego antigo: “quando designava tanto um processo jurídico quanto o veredicto ou julgamento que decidia o processo, tanto um conflito real quanto uma distinção subjetiva.” (GRESPLAN, Jorge. “A teoria das crises de Marx” in COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Marx e Engels na História**. São Paulo, Xamã, 1996. p. 297)

³ (CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.)

um sentido de futuro para os sacrifícios de ontem. Estaríamos diante da pressão exasperada do presente, representações políticas transitórias, humores sociais momentâneos, ilusórios e volúveis? Talvez, mas não deixa de ser uma expressão da visão que um tempo histórico tem de si mesmo, que tanto oculta, quanto revela os conflitos não resolvidos dos últimos vinte anos.⁴

A crise associa-se, assim, à idéia de conflito. Entretanto, nas Ciências Sociais em geral, e na História em particular, a crise se apresenta como um conceito quase trivial, sempre presente, necessário para explicar a mudança. Afinal, é certo que existem variados tipos de crise: crise econômica, crise de governo, crise de regime, ou, ainda, crise social, crise cultural, crise ideológica. Entre essas, há uma, que se define como crise revolucionária.

Mas a crise revolucionária deve ser entendida, em primeiro lugar, despida de todos os juízos intempestivos e preconceitos culturais que a cercam. Recorremos a ela como uma categoria de periodização histórico-política: uma temporalidade, uma noção instrumental que busca identificar um momento chave da transformação social.

A mudança social tem, entre os seus mecanismos internos de impulsão, o momento da crise. Um encontro de tempos históricos desiguais, uma encruzilhada de forças sociais em conflito, em um tempo político único, de unidade e ruptura, de conservação e superação. A crise

⁴ Diferentemente de outros países, no Brasil, a classe dominante tem tido, historicamente, uma dificuldade persistente em ganhar a classe média e a maioria do povo para uma visão otimista de futuro. Mesmo em tempos de efeméride e aniversário de 500 anos encontram obstáculos, quase intransponíveis, para mimetizar os seus planos de emergência em projeto nacional duradouro. Uma tensão social crônica está na raiz desse fracasso. Afinal, boas razões nunca faltaram para que o Brasil seja conflitivo, e uma luta de classes molecular que sempre transpirou por todos os poros, se traduziu numa instabilidade política duradoura: depois de 388 anos de escravidão, 389 de Estado com formas monárquicas, 41 de regime autoritário-oligárquico, 36 de ditadura semi-fascista, menos de 20 anos de democracia burguesa, e ainda assim sem liberdades civis plenas, não é fácil fantasiar sobre um sentido para nossa História. Mas tudo isso não inibiu as tentativas de “invenção de uma tradição”, às vezes, ambiciosamente, “civilizatória”; sempre, pretenciosamente, “original” (identidade cordial, brandos costumes, cultura morena, tolerância racial). Esforços persistentes de romantização da História do Brasil, de uma parte lusófilos, de outra lusófobos, mas que não afirmaram uma identidade nacional com raízes profundas.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

